



Um estudo comparativo sobre o papel do Jornal Nacional na definição das candidaturas das eleições de 2002 e 2010¹

Florentina das Neves SOUZA²
Soraia Valencia de Barros³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina Pr.

RESUMO

O trabalho “*Um estudo comparativo sobre o papel do Jornal Nacional na definição das candidaturas das eleições de 2002 e 2010*” observou a cobertura do JN nos meses de abril, maio e junho dos anos supracitados. A pesquisa considerou todas as notas sonoras e reportagens relacionadas a políticos cogitados como pré-candidatos às eleições presidenciais. O estudo teve como objetivo levantar dados quantitativos e qualitativos para descrever de que forma o telejornal construiu a imagem desses pré-candidatos e explicar de que maneira isso interferiu no destino de suas candidaturas. Este trabalho utilizou a metodologia de análise de conteúdo baseada no conceito de valência.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal Nacional; telejornalismo; eleições 2010; eleições presidenciais;

Introdução

O período das eleições é o momento de maior visibilidade social da política, e as campanhas eleitorais contribuem de modo significativo para o sucesso ou fracasso das candidaturas. É neste momento, também, que o comportamento da mídia na formação da opinião pública se evidencia. As pré-convenções correspondem ao período em que as candidaturas estão definidas, mas ainda não foram homologadas. É neste período que há definição de chapas, vices e coligações. Durante os meses que antecedem a definição e registro das candidaturas se verifica a construção por meio da mídia da imagem favorável ou desfavorável dos pré-candidatos. Os acontecimentos exibidos pela mídia podem interferir de maneira decisiva no destino de candidaturas até aquele momento cogitadas.

Este trabalho se propôs a levantar hipóteses sobre o papel do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, o telejornal mais antigo e de maior audiência no

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/ USP – Docente e Pesquisadora da Universidade Estadual de Londrina

³ Recém formada em Comunicação Social com habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina



país, na cobertura do período que antecede a definição das candidaturas de candidatos à presidência.

O objetivo desta pesquisa foi investigar como o JN enquadrou os pré-candidatos, partidos e avaliar sua possível influência na formação da opinião pública e no destino das pré-candidaturas.

O recorte deste estudo concentrou-se na análise de conteúdo de 43 matérias veiculadas pelo Jornal Nacional relacionadas a pré-candidatos à presidência da república, partidos, pré-convenções e eleições presidenciais. Estas matérias são dos meses de abril, maio e junho dos anos de 2002 e 2010.

Esta análise de conteúdo foi baseada nos conceitos de grau de visibilidade e valência atribuída a cada pré-candidato pelo telejornal. Verificou-se o número de matérias relacionadas à estes pré-candidatos, tempo de cada matéria, e classificação do conteúdo de cada uma delas podendo ser positiva, negativa ou neutra.

O conceito de valência é muito utilizado pelo Laboratório de Pesquisa do IUPERJ em Comunicação e Política e Opinião Pública (DOXA) e o Núcleo de Estudos em Artes, Mídia e Política (NEAMP) da PUC. De acordo com o DOXA, as valências são classificadas em:

Positivas – quando a matéria sobre determinado candidato reproduz suas promessas, críticas à seu oponente, declarações opinando sobre assuntos polêmicos e seu programa de governo.

Negativas – quando a matéria reproduz críticas, ressalvas feitas por terceiros ou oponentes ao candidato, pesquisas de intenção de voto desfavoráveis.

Neutra – quando apenas apresentam a agenda do candidato ou citações sem avaliação moral, política e pessoal ao candidato.

Por meio da classificação por valências, pretende-se medir qual foi o espaço dado pelo telejornal aos pré-candidatos e quem pode estar sendo favorecido ou desfavorecido na cobertura do telejornal da Rede Globo de Televisão.

1. Jornal Nacional

Em uma pesquisa feita pelo Datafolha em julho de 2010 constatou-se que a televisão é o principal meio de informação do brasileiro sobre candidatos no período eleitoral. Na pesquisa, 65% dos entrevistados afirmaram preferir a TV para obter informações. A pesquisa feita pelo Datafolha ainda apurou que a televisão é



lembrada por 88% dos entrevistados. A televisão é a principal fonte de informação dos brasileiros.

Completando 40 anos de existência o Jornal Nacional carrega consigo uma história de hegemonia e influência política reconhecida por políticos e pesquisadores que estudam a trajetória do JN. Eugêncio Bucci um dia depois da eleição de 2002, quando Lula foi recebido nos estúdios do telejornal, disse: “Na viagem que leva ao poder, o Jornal Nacional é escala obrigatória”. O prestígio político do telejornal de maior audiência no país pode ser confirmado na fala do então presidente do PFL, Jorge Bournhause, na inauguração da campanha de Alckmin em 2006 “É preciso mobilizar para entrar no Jornal Nacional”. E do então senador do PSDB, Álvaro Dias: “Tem razão. Nosso objetivo se chama Jornal Nacional. Quem ganhar no Jornal Nacional ganha a eleição”.

É histórica a interferência do JN em processos políticos. A hegemonia do telejornal foi alcançada graças às decisões políticas da época que garantiram financiamento ao grupo marinho e a implantação do sistema de microondas para a transmissão em rede nacional (NEVES, 2010, p.3). O Jornal Nacional, exibido pela primeira vez em 1º de setembro de 1969, foi o primeiro programa de televisão em rede nacional. A transmissão em rede atendia a um dos interesses do regime militar: homogeneização da identidade nacional e centralização do controle do país.

“No período ditatorial, o telejornal representava a voz oficial do governo em todo o território nacional e além de ignorar acontecimentos importantes nunca dava notícia sobre tortura, prisão de estudantes, operários ou de jornalistas, pelo contrário, divulgava fotos e nomes de pessoas procuradas para que se facilitasse a prisão. O telejornal só era pautado com notícias internacionais e do ‘milagre econômico’”. (NEVES, 2010, p.4)

Na década de 80, no período chamado de pós –abertura o JN manteve postura unilateral. Antes da eleição de 1989, quando se restabeleceu as eleições diretas para presidente no país, verificou-se uma abordagem diária do telejornal criando o “caçador de Marajás”, já no final do segundo turno a cobertura tendenciosa por parte da mídia, em especial, na Rede Globo, com a edição do debate entre Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo veiculado pelo *Jornal Nacional*. A edição favorecia Collor selecionando suas melhores falas e destinando maior tempo às colocações do ex-presidente. Enquanto, colocavam naquela mesma edição os trechos em que Lula gaguejava e trocava palavras (BUCCI E KHELL, 2004).



Na história política recente o telejornal tenta mudar sua imagem de detentor do poder, no entanto ainda é possível verificar uma postura unilateral do Jornal Nacional em suas coberturas. Em novembro de 2001, por exemplo, a TV brasileira deu visibilidade a então governadora do Maranhão, Roseana Sarney, por meio do programa político do PFL que começava a se destacar entre os pré-candidatos às eleições presidenciais de 2002. As pesquisas apontavam a pré-candidata como a única capaz de vencer Lula em um segundo turno. Entretanto, no início de março a própria Rede Globo desqualifica a governadora exibindo exaustivamente o escândalo de desvio de verbas da SUDAM que envolvia a empresa Lunos, de propriedade do casal Roseana e Jorge Murad, desgastando a imagem da pré-candidata e mudando o cenário de disputa eleitoral (CARVALHO, 2004). Este fato mostra que o comportamento assumido pelo JN ainda privilegia e prejudica pessoas e candidatos.

2. Pré-Convenções 2002

Em 2002, os pré-candidatos que apareceram no *Jornal Nacional* foram Ciro Gomes (PPS), Anthony Garotinho (PSB), Lula (PT), José Serra (PSDB) e Enéas Carneiro (PRONA). Enéas foi quem menos apareceu no telejornal, apenas uma vez em abril. Por outro lado, José Serra foi quem mais teve visibilidade somando 19 matérias relacionadas ao seu nome na cobertura do telejornal entre os meses de abril e junho. Em seguida, veio Lula com 17 aparições, Anthony Garotinho com 16 e Ciro Gomes com 15.

Tabela 1. Número de matéria e tempo por pré-candidato em 2002.

Pré-Candidato	Número de Matéria	Percentual	Tempo de matéria
Ciro Gomes (PPS)	15	46,8%	17'32"
Antony Garotinho (PSB)	16	50%	17'28"
Lula (PT)	17	53,1%	16'26"
José Serra (PSDB)	19	59,3%	17'43"
Enéas (PRONA)	1	3,1%	1'

Fonte: Desenvolvimento próprio

Assim, os dados demonstram que o *Jornal Nacional* em 2002 deu maior visibilidade ao pré-candidato tucano, José Serra. Entre os demais pré-candidatos houve equilíbrio no espaço dado a eles no noticiário.



José Serra, além de ter tido maior visibilidade que os demais, teve sua imagem enfatizada positivamente no telejornal na maioria das matérias em que foi exibido.

Tabela 2. Número de matéria e valência dos pré-candidatos em 2002.

Valência	Ciro Gomes (PPS)	Antony Garotinho (PSB)	Lula (PT)	José Serra (PSDB)	Enéas (PRONA)
Positiva	4 (26,7%)	3 (18,75%)	4 (23,6%)	7(36,9%)	0 (0%)
Negativa	3 (20%)	5 (31,25%)	7 (41,1%)	4 (21%)	0 (0%)
Neutra	8 (53,3%)	8 (50%)	6 (35,3%)	8(42,1%)	1 (100%)

Fonte: Desenvolvimento próprio.

Das 19 matérias em que apareceu, 7 delas tiveram valência positiva. Em maio, mês em que o pré-candidato teve maior número de matérias relacionadas a ele, cinco das 11 matérias em que ele apareceu foram positivas. De certa forma, essas cinco matérias neutralizaram o peso negativo dado à imagem do candidato por conta das denúncias contra seu ex-assessor, Ricardo Sérgio (ex - diretor do Banco Brasil) por receber propina durante a venda da Vale do Rio Doce.

Nessas cinco matérias de peso positivo para o pré-candidato José Serra, houve a utilização da estratégia do medo. Ressaltando o momento delicado pelo qual a economia brasileira passava naquele momento e a crise na Argentina, o *Jornal Nacional* enfatizava os riscos de uma mudança de governo naquele momento. Prezava assim por um discurso de continuidade, o que favorecia o pré-candidato do governo, José Serra. Como na reportagem que trouxe a repercussão da entrevistado presidente do Banco Central, Armínio Fraga, em 13 de maio de 2002:

Off- O pré-candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, reagiu às declarações do presidente do Banco Central Armínio Fraga.

Sonora – Lula (PT) - "Ele não tem que se comprometer porque ele nunca foi candidato a nada. Eu acho que o Armínio tem que cumprir o mandato dele, trabalhar direitinho e deixar que o outro presidente do Banco Central possa fazer o que tem que ser feito pelo país.

Off - Ciro Gomes, pré-candidato do PPS, disse que haverá mudanças na economia se ele for eleito.

Sonora _ Ciro Gomes (PPS) - Eu vou mandar minha proposta de governo para o Armínio Fraga para ele ver com começo, meio e fim, como o Brasil pode mudar sem qualquer tipo de risco que quebre a normalidade da estabilidade monetária, os contratos, a integração internacional e o respeito à inflação controlada.



Off- O pré-candidato do PSB, Anthony Garotinho, também comentou as declarações do presidente do Banco Central e disse quais mudanças pretende fazer na economia.

Sonora – Antony Garotinho (PSB) - Nós queremos reduzir os juros, nós queremos refazer a reforma tributária, nós queremos uma política de crédito no setor produtivo. Tudo aquilo que o governo do PSDB teve oito anos para fazer não fez. Eu deixei bem claro: vai haver mudanças. Não tenho menor dúvida. Se não tiver mudança no rumo da economia o Brasil quebra!

Off - Pouco antes de gravar o programa do Jô, desta noite, o pré-candidato do PSDB, José Serra, comentou as declarações do presidente do Banco Central. Concordou com Armínio Fraga que cobrou clareza nas propostas dos pré-candidatos da oposição sobre os rumos da economia.

Sonora – José Serra (PSDB) - Eu acho que ele tem razão quanto alguns candidatos. Tem candidato cujo partido é contra a Lei da Responsabilidade Fiscal. Tem outro que é contra metas de inflação. Eles falam uma coisa, mas fazem outra. Da nossa parte nós temos apresentado coerência. Lei de Responsabilidade Fiscal, responsabilidade cambial, metas de inflação. É preciso ter a casa arrumada no Brasil, senão vira Argentina! (JN, 13/05/2002, grifo nosso).

Na entrevista ao *Bom Dia Brasil*, o ex-presidente do Banco Central dizia que os pré-candidatos de oposição precisam mostrar propostas mais claras em relação à política econômica. Fraga, em suas afirmações, demonstrava desconfiança com relação à postura dos possíveis presidenciáveis. A repercussão das declarações de Armínio Fraga no *Bom Dia Brasil* acabaram dando peso negativo à Ciro Gomes, Lula e Anthony Garotinho enquanto favoreceu a imagem de Serra. Das entrevistas dos pré-candidatos da oposição foram destacadas as falas que se referiam às mudanças na política econômica.

A matéria destaca, por exemplo, uma fala enfática de Anthony Garotinho “Eu deixei bem claro: vai haver mudanças”. Mas é a última sonora que contém a mensagem central da reportagem e a mais categórica: “Eu acho que ele tem razão quanto a alguns candidatos”. Essa fala de Serra, concordando com Armínio Fraga, refere-se a Lula que em outra matéria criticou a Lei de Responsabilidade Fiscal e ao pré-candidato Ciro Gomes que era contrário metas de inflação. O pré-candidato tucano encerra a matéria com a frase: “É preciso ter a casa arrumada no Brasil, senão vira Argentina!”. Fica evidente nessa matéria a estratégia política do medo (CHAIA, 2002)



utilizada contra um discurso de mudança e favorecendo o pré-candidato José Serra que representa a continuidade.

4. Pré-Convenções 2010

Nas pré-convenções de 2010, os pré-candidatos que apareceram na cobertura do *Jornal Nacional* no período estudado foram: José Serra (PSDB), Dilma Rousseff (PT) e Ciro Gomes (PSB). Dilma Rousseff foi a pré-candidata que mais teve matérias relacionadas a ela, somando um total de 11 matérias.

Tabela 3. Número de matéria e tempo por pré-candidato em 2010.

Pré-Candidato	Número de Matéria	Percentual	Tempo de matéria
Ciro Gomes (PSB)	2	18,2%	7'10''
Dilma Rousseff (PT)	11	100%	25'08''
José Serra (PSDB)	7	63,7%	20'26%
Marina Silva (PV)	1	9,1%	3'04''

Fonte: Desenvolvimento próprio.

Em seguida, vem José Serra com um total de 7 matérias e depois Ciro Gomes com 2 matérias em todo o período estudado.

Dilma Rousseff, embora tenha sido mencionada mais vezes do que os demais pré-candidatos, teve sua imagem prejudicada no telejornal. Isso porque nas matérias em que apareceu, a maioria dos casos tinha como assunto crime eleitoral por campanha antecipada.

Tabela 4. Número de matéria e valência dos pré-candidatos em 2010.

Valência	Ciro Gomes (PSB)	Dilma Rouseff (PT)	José Serra (PSDB)	Marina Silva (PV)
Positiva	0 (0%)	2 (18,2%)	5 (71,4%)	1 (100%)
Negativa	2(100%)	7 (63,7%)	2 (28,6%)	0 (0%)
Neutra	0 (0%)	1 (9,1%)	0 (0%)	0 (0%)

Fonte: Desenvolvimento próprio.

Quem teve a imagem beneficiada nesse caso foi José Serra, pois as ações movidas contra o PT por crime eleitoral eram de iniciativa do PSDB. Mesmo sem um escândalo político midiático (LIMA, 2006), uma estratégia que persistiu nas pré-convenções de 2010 foi o discurso moralizante contra a corrupção e em favor de uma “campanha ética”. Esse discurso tornou-se mais enfático às vésperas das convenções,



depois de uma reportagem na revista *Veja* em que um ex - delegado revela que foi procurado pelo PT para elaborar um dossiê contra José Serra. A reportagem teve repercussão no *Jornal Nacional*.

Cabeça - Um delegado aposentado da Polícia Federal disse que foi procurado por pessoas ligadas ao comitê eleitoral do PT para espionar o pré-candidato do PSDB à sucessão presidencial.

Off - A revista *Veja* desta semana publicou uma entrevista com o delegado aposentado da Polícia Federal Onésimo Sousa em que ele afirma ter sido procurado por integrantes do comitê da pré-candidata do PT, Dilma Rousseff, para espionar possíveis traidores dentro da própria campanha petista e principalmente o pré-candidato da oposição, José Serra, do PSDB.

Off - Segundo o delegado, o encontro teria ocorrido em abril num restaurante, em Brasília. Além de um amigo dele, teriam participado Luiz Lanzetta, dono da empresa Lanza, responsável pela contratação de jornalistas para a campanha de Dilma Rousseff, Benedito de Oliveira Neto, um dos sócios da empresa Dialog, que tem contratos com o governo Lula, e o jornalista Amaury Ribeiro.

Off- Ainda segundo o delegado, a proposta foi de R\$ 1,6 milhão pelo trabalho. Na entrevista, ele diz que a proposta partiu de Luiz Lanzetta a pedido de Fernando Pimentel, ex-prefeito de Belo Horizonte e um dos coordenadores da campanha de Dilma Rousseff.

Off - Na semana passada, também na revista *Veja*, surgiram notícias de que um dossiê contra José Serra estava sendo preparado por pessoas do comitê de Dilma, mas que a operação foi abortada assim que a cúpula da campanha petista tomou conhecimento dela.

Off - Na quarta-feira, o pré-candidato do PSDB acusou diretamente a pré-candidata do PT como responsável pelo dossiê. Dilma Rousseff negou e disse que isso era uma falsidade. Prometeu processar Serra caso ele confirme a acusação.

Off - Neste sábado, outros jornais voltaram a dar destaque ao assunto com informações de bastidores. O suposto dossiê seria apenas o resultado de investigações jornalísticas que o repórter Amaury Ribeiro fez quando trabalhava para o jornal Estado de Minas e que agora saíam em livro.

Off - Na edição desta semana da revista *Veja*, porém, o delgado Onésimo afirma que foi abordado pelo comitê de Dilma para uma missão de espionagem contra possíveis traidores na campanha petista e contra o pré-candidato José Serra.

Off - A revista *Veja* pergunta quem fez essa proposta. O delegado aposentado responde:



Fui convidado para um encontro com Fernando Pimentel. Chegando lá no restaurante, estava o Luiz Lanzetta, que eu não conhecia, mas que se apresentou como representante do prefeito.

Que tipo de investigação?

Era para levantar tudo, inclusive coisas pessoais. O Lanzetta disse que eles precisavam saber tudo o que eles faziam e falavam. Grampos telefônicos.

E pergunta ainda: Pediram ao senhor para grampear os telefones do ex-governador Serra?

Explicitamente, não. Mas, quando me disseram que queriam saber tudo o que se falava, ficou implícita a intenção. Ninguém é capaz de saber tudo o que se fala sobre alguém sem ouvir suas conversas. Respondendo objetivamente, é claro que eles queriam grampear o telefone do ex-governador.

Off - À revista Veja, o delegado Onésimo disse que não aceitou a proposta. Neste sábado, o Jornal Nacional procurou o delegado, mas ele não foi encontrado. O presidente do PT, José Eduardo Dutra, disse que o comando da pré-campanha de Dilma Rousseff nunca procurou nem autorizou que alguém fosse contactado para fazer um dossiê. Ele afirmou que Lanzetta não tem assento no comitê de Dilma e que sua firma foi contratada apenas para fornecer jornalistas para a campanha.

Sonora – José Eduardo Dutra (PT) - O que tem que ficar claro que a pessoa que se encontrou com o delegado não participa da campanha do PT, portanto não há nenhuma responsabilidade nem no PT nem na campanha, até porque nós repudiamos esse tipo de prática!.

O deputado Gustavo Fruet, do PSDB, disse que o partido vai pedir ampla investigação da denúncia. Segundo Fruet, é preciso esclarecer a participação de cada um no episódio.

Sonora – Gustavo Fruet (PSDB) - Nós estamos defendendo a investigação, principalmente junto ao Ministério Público Eleitoral, para saber se isto atinge outras pessoas envolvidas na campanha. Apesar de ser pré-campanha, há indícios de crimes eleitorais.(JN, 05/06/10, grifo nosso)

Nessa reportagem do *JN* mostra-se questionável o destaque dado ao caso. A matéria teve a duração de 4 minutos e 47 segundos, que é bastante tempo dentro de um telejornal. Mas não houve a entrevista com o delegado envolvido no caso, que faz a revelação contra o PT. Em lugar disso, lê e mostra trechos da reportagem veiculada pela revista *Veja*. O que comprova o esforço do telejornal em dar destaque à denúncia que poderia ter recebido apenas uma nota coberta, por exemplo. A reportagem



ouve o presidente do PT, que negou o envolvimento da comissão eleitoral no caso. Mas encerra a reportagem com uma fala categórica de Gustavo Fruet (deputado do PSDB) afirmando que havia indícios de crimes eleitorais. A última sonora é aquela que marca a matéria, portanto, a fala de Fruet presumindo a culpa do PT foi a ideia que prevaleceu na reportagem.

Em 2002, Ciro Gomes teve visibilidade negativa no *Jornal Nacional* fator que contribuiu para que ele não chegasse ao segundo turno. Em 2010 o pré-candidato do PSB tentava conquistar o apoio do partido para lançar sua candidatura à presidência da república. Mas foi mostrado pelo telejornal com tom de deboche, como na exibição das pesquisas de intenção de voto pelo *JN* em que é destacado:

Entre os nomes que apareceram na pesquisa do Ibope, José Serra (PSDB), Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PV) são pré-candidatos à Presidência. Ciro Gomes (PSB) quer disputar, mas ainda não conseguiu apoio para se lançar candidato.(*JN*, grifo nosso, 21/04/2010)

No dia 27 de junho, o telejornal deu grande destaque com matéria de cinco minutos para a decisão do PSB em apoiar Dilma Rousseff e não lançar candidato.

Cabeça - O PSB anunciou, nesta terça-feira, oficialmente, que o deputado Ciro Gomes não vai disputar a presidência da República. A decisão pôs fim a projeto de Ciro de concorrer ao cargo pela terceira vez.

Off - Ex-prefeito, ex-governador, ex-ministro do governo Fernando Henrique e do governo Lula. Mesmo assim, Ciro Gomes não conseguiu ser candidato a presidente, como queria. Ele não desistiu da candidatura, mas o PSB decidiu que não dará a vaga a ele, uma decisão que agrada ao PT e ao presidente Lula. O PSB, agora, anunciará o apoio oficial à Dilma Rousseff, do PT, no próximo dia 17. Ciro nem apareceu na reunião do partido. Sabia que seria derrotado.

Sonora – Eduardo Campos (PSB) - Isso é resultado de uma conjuntura política que foi formando dois grandes blocos de força que foram levando à polarização da eleição. A gente tem que ler as cartas, tem que ler a conjuntura.

Off - Para o vice-presidente do PSB, Roberto Amaral, a decisão desta terça-feira é consequência de uma série de erros: a pré-candidatura precipitada, depois, a transferência do domicílio eleitoral de Ciro Gomes, do Ceará para São Paulo, um pedido do presidente Lula. O partido concordou e levou Ciro ao erro. Agora, o PSB se diz surpreso com o tiroteio verbal de Ciro. Antevendo a derrota, nos últimos dias, Ciro Gomes atacou seu próprio partido, os aliados, o governo Lula. Em relação a Dilma e José Serra, pré-candidato do PSDB, ao mesmo tempo atacou e elogiou.



Off - Ao portal IG, Ciro disse na semana passada: Minha sensação agora é que o Serra vai ganhar esta eleição. Dilma é melhor do que o Serra como pessoa. Mas o Serra é mais preparado, mais legítimo, mais capaz.

Off - Ciro disse depois que essas declarações foram dadas numa conversa que acreditava ser apenas informal com o portal IG. No domingo, porém, em entrevista à Rede TV, não recuou da afirmação de que Serra é preparado, mas acrescentou críticas: Serra é preparado, tenebroso e autoritário. Com o poder na mão, é um risco para o país.

Off - Na mesma entrevista, elogiou a candidata da base aliada: Dilma é uma figura de grande valor. Decente, competente, honesta. Lula escolheu a melhor.

Off - Com a decisão desta terça, é como se o PSB tivesse perdido os anéis para preservar os dedos. Sem o palanque de Ciro, espera reforçar as 11 candidaturas a governos de estado no palanque da candidata apoiada por Lula.

Off - Dilma já disse que se considera preparada para disputar as eleições. Mas nesta terça preferiu não falar muito sobre as declarações de Ciro Gomes.

Sonora – Dilma Rousseff (PT) - Olha eu, de fato, não vou responder ao deputado Ciro Gomes porque eu acredito que o deputado é uma pessoa que sempre esteve ao nosso lado. Espero que ele volte a estar de forma mais próxima agora, declarou.

Off - Serra também não quis comentar.

Sonora – José Serra (PSDB) - Olha, não tenho nada a comentar, não tenho pessoalmente nada contra ele e não tenho nada a comentar a esse respeito. Como candidato, eu não me sinto à vontade para fazer comentários, como se diz na minha terra: nesses casos, sapo de fora não chia.

Off - Em nota, Ciro Gomes disse que aceita a decisão do partido e que se submeterá a ela, embora a considere um erro tático. Mas o ex-ministro faz uma observação aos companheiros de partido em tom de alerta: Meu entusiasmo e o nível de meu modesto engajamento irão depender do encaminhamento, pelo partido, de minhas preocupações com o Brasil, com nossa falta de um projeto estratégico de futuro, com a deterioração ética generalizada de nossa prática política, com a potencial e precoce esclerose de nossa democracia. Ciro Gomes também agradeceu o apoio dos que o acompanharam na tentativa de conquistar o posto de candidato pelo PSB. (JN, Grifo Nosso, 27/04/2010)

Nesta reportagem, o *Jornal Nacional* mostra o temperamento explosivo de Ciro Gomes ao destacar as críticas que pré-candidato fez a José Serra



(PSDB), a Dilma Rousseff (PT), ao seu partido e ao presidente Lula. Mostra as declarações polêmicas de Ciro considerando que embora Dilma fosse uma pessoa honrada, José Serra seria o mais preparado para assumir a presidência. E ainda divulga trecho de nota de Ciro Gomes com as críticas mais ácidas ao partido.

Ainda em relação à reportagem exibida pelo *Jornal Nacional* no dia 27 de abril, vale destacar uma fala do presidente do PSB, Eduardo Campos: “Isso é resultado de uma conjuntura política que foi formando dois grandes blocos de força que foram levando à polarização da eleição”. Esse fenômeno descrito por Eduardo Campos ocorreu na cobertura do *Jornal Nacional*. Com a negativa do PSB ao lançamento de candidatura própria, no telejornal os únicos pré-candidatos que apareceram no período estudado foram Dilma Rousseff e José Serra. Como já demonstrado na matéria sobre o dossiê, a cobertura ficou centrada nos conflitos gerados na disputa entre os dois partidos. PT e PSDB assumiram o papel de protagonistas da disputa eleitoral no noticiário do *JN*, enquanto os demais pré-candidatos ficaram na posição de coadjuvantes da disputa eleitoral. Os dados coletados sobre a cobertura do *Jornal Nacional* demonstram a polarização da disputa desde o período de pré-convenções.

Considerações finais

O estudo desenvolvido observou que o *Jornal Nacional*, telejornal líder de audiência no país, fez uma cobertura parcial. Em 2002, por exemplo, pode-se assistir à desqualificação da imagem de Roseana Sarney, pré-candidata pelo PFL (hoje chamado de DEM). Grande esperança do partido, Roseana Sarney era apontada nas pesquisas de intenção de voto como a única capaz de vencer Lula num segundo turno. No entanto, a exibição sistemática de denúncias de desvio de verba da extinta SUDAM envolvendo a empresa dela e do marido (Lunus) desgastaram a imagem da pré-candidata. Roseana Sarney acabou desistindo da disputa. Ainda em 2002, o pré-candidato Ciro Gomes, depois da desistência de Roseana Sarney, estava em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto. No entanto, a partir de maio passou a ter sua imagem explorada negativamente pelo *JN* que começou a destacar seu perfil explosivo, enfatizando declarações polêmicas do pré-candidato. Isso tornou Ciro Gomes pouco simpático ao telespectador, e potencial eleitor. Ciro Gomes acabou em quarto lugar no primeiro turno. Além disso, o telejornal usou a estratégia do medo para desqualificar os pré-candidatos da oposição, como Lula e Garotinho. O *Jornal Nacional* deu ênfase em



seu noticiário ao nervosismo do sistema financeiro internacional, à crise da Argentina, e a economia estável, porém frágil do Brasil. Nas reportagens insinuava em seu discurso desconfiança com relação aos rumos da economia com a vitória de um candidato da oposição. E assim, valorizava um discurso de continuidade favorecendo a imagem do pré-candidato, José Serra (PSDB).

Na cobertura das pré-convenções de 2010 notou-se um discurso moralizante, incluindo no noticiário várias denúncias de campanha antecipada e processos por crime eleitoral movidos pelo PSDB contra o PT. Mesmo assim, pôde-se ver que houve mais matérias relacionadas ao governo do que à disputa eleitoral. Os números demonstraram a cobertura enviesada do telejornal que destacou as denúncias por crime eleitoral contra o PT. No caso do dossiê, foi dado espaço para José Serra criticar a postura do PT. Em sua sonora, o pré-candidato, inclusive, relembrou o caso dos Aloprados em 2006. No entanto, o mesmo espaço não foi dado à pré-candidata do PT com a justificativa de que ela não foi encontrada. Também pôde-se acompanhar na cobertura do Jornal Nacional o deboche em torno da tentativa de Ciro Gomes em conquistar o apoio do PSB para lançar sua candidatura.

A mídia, em especial o *Jornal Nacional*, mantém sutilmente a estratégia de desqualificar e favorecer pré-candidatos com o objetivo de defender as candidaturas que são de seu interesse e assim minar possíveis concorrentes. Embora, não tenha a mesma influência sobre o público que antes, aquilo que ela pontua e repercute é capaz de fazer o eleitor mudar seu voto ou mudar de posição em relação ao tema discutido. Portanto, o Jornal Nacional continua com a capacidade de formar opinião em consequência do que é pontuado pelo seu noticiário.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jorge. **Lula , Serra e a disputa pelo discurso da ‘mudança’ em 2002.** Grupo de Trabalho Comunicação e Política. Trabalho apresentado no XII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação (Compós), Recife, 2 a 6 de junho de 2003.

BUCCI, Eugênio. KHEL, Maria R. **S A crítica de televisão.** In: Videologias. São Paulo: Boitempo, 2004.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação

XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR - 26 a 28
de maio de 2011

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. **A entrevista como gênero de discurso:
contaminações entre os campos da mídia e da política.** Rio de Janeiro. Cebelas.
2005.

CHAIA, Vera. CHAIA, Miguel. (orgs). **Mídia e Política. Cadernos do Neamp.** São
Paulo: Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC, 2000.

CHAIA, Vera. **Jornalismo e Política.** Escândalos e Relações de Poder na Câmara
Municipal de São Paulo. São Paulo:Hacker, 2004.

COLLING, Leandro. RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Cobertura Jornalística e
Eleições Presidenciais de 2006 no Brasil.** In: ALAIC- 2006.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa.**
Paulus. São Paulo, 2004.

LEAL FILHO, Laurindo. **A Campanha Eleitoral de 2010 já começou.** Carta Maior,
Disponível em: www.cartamaior.com.br. Acesso em 9/10/ 2010.

LIMA, Venício de Lima. **Mídia: Teoria e Política.** 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu
Abramo, 2004.

_____. **Mídia – Crise Política e Poder no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo,
2006.

_____. **Mídia e Eleições 2006.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

MATTOS, Heloisa (org.). **Mídia, Eleições e Democracia.** São Paulo: Scritta, 1994.

MOREIRA , Sônia Virgínia. **“A legislação dos meios eletrônicos nos Estados Unidos
e Brasil.”** Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo: IMS, 1996.

NEVES, Florentina das Neves. **Telejornalismo e Poder nas Eleições Presidenciais –
2002 e 2006.** São Paulo: Summus, 2008.

PORTO, Mauro. **A Televisão e o Primeiro Turno das Eleições Presidenciais de
2002: Análise do Jornal Nacional e do Horário Eleitoral.** Relatório do Projeto Mídia,



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação

XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR - 26 a 28
de maio de 2011

Política e Eleições: A Produção e a Recepção dos Enquadramentos da Mídia. NEMP –
UNB, Brasília, 2002.

RAMOS, Murilo César. **A força de um aparelho privado de hegemonia**. In: Bolaño, César RS.; BRITTOS, Valério Cruz (orgs). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença Editorial, 1997.

_____. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. São Paulo: Hacker, 2004

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Mídia, Política e Eleições Brasileiras de 1989 e 1994. In: **III Reunião Anual da COMPÓS**. Campinas, Unicamp, 1994. Disponível em www.facom.ufba.br/sentido/albino acesso em 04 mar. 2006.